

O POVO DE AVEIRO

REDACÇÃO
RUA DO ESPIRITO SANTO, 71

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ADMINISTRAÇÃO
RUA DO ESPIRITO SANTO, 71

ANNO IX

Assignatura

AVEIRO—50 números, 1\$000 réis; 25 números, 500. Fóra de Aveiro: 50 números, 1\$125; 25 números, 570. BRAZIL (moeda forte) e Africa Oriental, 50 números, 2\$000.

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 20 réis. Anuncios, cada linha, 15 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 25 por cento.

NUMERO AVULSO, 20 RÉIS

N.º 475

AVEIRO

UM BOM ARTIGO

Dos Pontos nos *ii* transcrevemos o seguinte artigo, embora discordemos d'elle em curtissimas passagens. No seu conjunto é um bellissimo artigo, que nos satisfaz tanto mais quanta indignação e nojo nos tinha causado a attitude da imprensa republicana não suprimida, deixando correr, contra o nobre partido em que militamos, toda a casta de injuria e improperio dos jornaes da monarchia.

A attitude do *Seculo*, principalmente, é ignobil e mais uma vez nos veio mostrar que tão indigno da causa republicana é aquelle pasquim d'agiotagem e mercancia, como tudo quanto o dirige e todos os redactores que n'elle predominam.

Segue o artigo:

A revolução do Porto, que foi uma loucura tão inutil como esplendida, deve lembrar á monarchia o quanto é rigoroso o prognostico que mais d'uma vez d'aqui lhe temos feito, e fará ver aos republicanos a inconveniencia de procederem por grupos avulsos, sem uma senha d'ordem geral, e longe d'esse unisono de acção que faz sempre o exito das grandes commettidas.

O paiz chegou ao ponto de maturação doutrinaria, em que o passado é incompativel, e, em que no futuro só é provavel uma solução. Deixar acabar d'apodrecer o velho regimen, agravando-lhe a fermentação por todas as formas, eis o primeiro ponto do programma revolucionario; robustecer as columnas do partido republicano, por uma concentração energica e immediata, que o habilite a entender-se com todos os nucleos democraticos, e a inspirar confiança em todos os nucleos de descontentes, eis o segundo. E é absolutamente necessario que o directorio attenda, com ferrenha astucia, a estes pontos, sob pena de ver escarpalhe das mãos o mandato, e d'algum mais decidido, interferir na sua esfera deliberativa, porque se não veja fugir o momento historico d'entrar em scena, e se não torne a dar ao mundo o exemplo de ineptia que a insurreição portuense ha quatro dias lhe deu.

Porque a verdade é esta: por banda de todas as classes preponderantes do paiz, já pelo numero, já pela importancia social, o plebiscito republicano é eloquente. E' republicano o povo dos campos, mencionadamente ao Sul e ao Norte; é republicano o povo das cidades, mencionadamente as industriaes; é republicano o exercito, e republicana em peso a gente das escolas. Consultem o commercio de Lisboa: republicano! Consultem a opinião d'um grande numero de ricos agricultores e de homens de finança: republicanos! Nos altos estudos, é quasi todo republicano o professorado. A propria nata dos partidos monarchicos

se prepara para atraiçoar a monarchia, quando as probabilidades de successo estiverem pronunciadamente a nosso lado, e ainda hontem na redacção de certo jornal que aconselha ao rei fuzilamentos, varios redactores confessaram não ter duvida em acquiescer na... passagem (a bem da patria, entende-se) se acaso o pronunciamento fosse a serio... Reparem na revolução do Porto. Não foi o povo que a fez, dizem os jornaes, mas o exercito—isto é, a unica força em que o rei poderia pôr esperanza, no caso de ver a dynastia ameaçada. Se uma solução desastrosa do conflicto inglez amanhã pozer nas ruas a febre patriótica de Janeiro e de Setembro; se uma era de fome advier da crise fazendaria, complicada da crise agricola, pergunto eu quem impedirá o furor dos paisanos, de confraternisar com o armamento da tropa, e esse maxime do paiz d'impôr a sua vontade, a tiro, aos pouquissimos e desorçados elementos que por acaso restem fieis á realza?

Por consequencia, quer as instituições monarchicas delibrem, em conselho presidido pelo rei, defender-se, assassinando, como lhes aconselham os jornaes mais affectos á realza, quer ellas prefiram achar uma formula de tolerancia que apenas superficialmente castigue os attentados politicos que vem de ter logar, o resultado futuro é sempre o mesmo—o advento brevissimo da republica, com todas as suas inevitaveis amputações de funcionarios perigosos—com a differença que no primeiro caso, o odioso da represalia precipitará, na proporção do sangue derramado, o desfecho da tragicomedia dynastica, podendo no segundo inda delongar, por alguns annos mais, a sinecura do sceptro, deixando a evolução politica ultimar-se, sem maior intervenção de meios violentos.

Esta certeza de que o Portugal futuro ha de reger-se por uma formula politica diferente da actual, deve preparar o partido republicano para a herança espinhosa do poder, e reconduzir ás suas fileiras os poderosos elementos que até agora teem combatido a monarchia, em guerrilhas desordenadas. Cumpre que esse partido seja uma força formidavel, immaculada, e em tudo digna da missão gloriosa que o destino lhe prepara; razão porque n'elle deve começar, de cima para baixo, uma selecção d'elementos, que descrimine o joio do trigo, e as dedicações estrémas, das simples premeditações interesseiras. Ha por lá muito que alijar, purgar, e apear das preponderancias até agora consentidas pela cegueira ingenua da môr parte; e é sob a condição exclusiva d'esta joeira que se lhe agregarão centenaes de democratas, guerrilheiros ou simples descontentes—precisamente os factores de que o partido ha mister para se apoderar completamente da situação.

Virando agora a attenção, de previsões politicas futuras, para o apreciar dos factos de hontem, seja-me permitido estranhar o

modo infame porque certos jornaes dynasticos verberam a revolução do Porto, e estranhar ainda o silencio das folhas republicanas não suprimidas, que deixam passar sem glorificação as admiraveis lições d'audacia dos homens que iniciaram o movimento, e se votaram, sem a menor excitação, ao sacrificio. Certo, eu não tenho por acertado o momento escolhido para fazer rebentar a conspiração. O paiz está na miseria, e as grandes nações da Europa conspiram todas, pelo seu silencio, a favor dos latrocinios que nos promove a Inglaterra. Neste momento, não é bem de formulas de governo de que se trata: é do paiz. Se amanhã viesse a republica, no dia seguinte a nossa situação seria duzentas vezes mais terrivel, e este facto devia pezar no espirito dos revolucionarios do Porto, por fôrma a fazel-os adiar para menos escabrosos dias, as suas explosões de heroico patriotismo. Ora isto é a razão critica da revolta, que faz á banca da redacção ou do caffè, qualquer inchacovos da imprensa, com pouca coragem, e lingua de sobra. Se porém a revolução do Porto traduz o desespero politico d'uma hora, cego, inadiavel, como todas as loucuras, ella não soube nem quiz aproveitar, para explodir, occasião que mais conta fizesse aos individuos que necessariamente havia de ferir. Convinha-lhe ter esperado, é certo, não sei bem se por causa da crise, mas muito principalmente por causa da efficacia. O que ella teve de mau não foi o momento de romper, foi a leviandade imperdoavel com que a organizarão, foi a falta d'acção symetrica, cobarde ou desavisada, não sei, que o grito d'alarme encontrou em focos onde lhe estava prometida concordancia. Podendo ter sido o facto definitivo, foi apenas um ensaio geral: mas viverá pouco quem não tiver a dita de assistir ao grandia dia!

Mas enquanto elle não chega, não consintamos nós outros que os jornaes do rei cubram de vilipendio o nome dos militares e paisanos que iniciaram o movimento. D'ora em diante esses homens devem-nos ser sagrados. Todos os republicanos sinceros lhes devem coroas civicas, porque n'este paiz de poltrões, elles são a bravura intemerata, porque n'este paiz de cynicos elles representam a fé n'um ideal,—divina fé que expõe o corpo ás balas, e marcha cantando para o sacrificio! Oh, que Lisboa não ouse rir dos que sabem morrer com as armas na mão, ella que em Fevereiro fugiu cobardemente ao som de trinta apitos! Que a imprensa do rei não ouse um só instante conspurcar os propulsores do movimento revolucionario do Porto, porque se algum d'elles tinha maculas resgatou-as a sua admiravel loucura, tornando-os inpeccaveis.

O que se está fazendo em certos jornaes monarchicos, é monstruoso e revoltante. Pretende-se reduzir a insurreição do Porto, onde ha boas razões para crer que entrava toda a guarnição, e grande numero de particulares da melhor gente, a uma pequena briga d'officiaes mal comporta-

dos, d'agitadores polluidos, e de soldados tropegos.

Os artigos editoriaes vem cheios de biographias infamantes para os revolucionarios, d'injurias, e de mentiras; com as narrações da batalha misturam se os chascos obscenos; a falta de generosidade emparelha co'a falta de sangue frio, a injuria interpõe-se á misericordia, e tal imprensa que esbofeteia os cadaveres, e denuncia á policia os fugitivos, é bem a voz d'um organismo cobarde e condemnado, que quer viver, seja a que preço! De pouco faz porém que ao de redor das masmorras venham os chacaes uivar ao cheiro do sangue. Dize-mol-o aqui bem alto: de todos os cidadãos portuguezes incursos na revolta, militares ou paisanos, nem um só, temos a certeza, ha de espisar pelo martyrio, a sua audacia. Porque n'esse dia, não era o Porto só a erguer-se, seria o paiz inteiro, armando-se, terrivel, para expulsar os algozes, depois de lhes ter marcado na testa esta terrivel legenda—d'assasinos!

IRKAN.

A infamia ingleza

Londres, 4.

O governo da colonia do Cabo vae submeter á secretaria das colonias um relatorio demonstrando que o territorio de Manica não esteve nunca sob o protectorado de Portugal.

Os jornaes inglezes motejam das pretensões de Portugal e territorios que liguem as suas possessões orientaes e occidentaes de Africa.

O *Times* declara que os inglezes não devem deixar-se perturbar por nenhuma razão sentimentaes na sua situação de *beati possidentes*, e conclue que o governo portuguez fará bem em se entender amigavelmente com a Inglaterra.

A questão piscatoria

?

E' uma turba de ingennos cooperando nos interesses politicos de uma facção politica a declinar; é um jogo de scena em que os mais prejudicados são exactamente os que vão na vanguarda da comparsaria, tendo por contra-regra um famigerado actor, que no fim do espectáculo se fica rindo da credulidade d'aquelles, depois de lhes ter comido o producto do espectáculo.

Isto é a definição d'esse movimento que ahi se tem exhibido, sob varias pelotiquices, inspirando a uns riso e a outros o mais desprezivel desdem, não por esses infelizes trabalhadores que mourejam sobre as aguas para ganhar com que occurram ás necessidades da vida, mas pelos homens que levam o cynismo ao ponto de sacrificar á politica de campanario os interesses sacratissimos de outrem, cuja ignorancia lhes não deixa ver que são instrumentos de quem por uma

série de incoherencias na questão em debate devia tornar-se-lhes de absoluta suspeição.

A questão de Manica

Acha-se em Lisboa o sr. engenheiro Llamby, que estava em Macequece dirigindo por conta da companhia de Moçambique os trabalhos de pesquisa e lavra de minas, e que foi uma das victimas dos quadrilheiros da *South Africa*, em Manica.

A'cerca da invasão de Macequece conta que depois da missão no Krall do Mutassa se preparava para voltar a Macequece, offereceu de ceiar aos inglezes, e que quando estavam todos sentados á mesa entrou o soldado inglez Trevn, que poz a mão no hombro de Llamby, declarando-lhe que se achava preso á ordem dos inglezes. Llamby assistiu então a uma noite de orgia e deboche. As coisas tomaram tal feição, que foi preciso que Rezende se oppozesse a que os inglezes, no auge da bebedeira, violentassem a mulher de Manuel Antonio!

Llamby foi levado para o acampamento inglez, onde Forbes lhe disse que se considerasse prisioneiro e que aquelles terrenos pertenciam á *South Africa*, a quem tinham sido cedidos pelo governo portuguez, que em 15 dias Llamby receberia instruccões n'esse sentido do mesmo governo, mas que em quanto ellas não vinham elle devia reconhecer as concessões que o Mutassa acabava de fazer.

Llamby fez varias objecções, declarando que continuaria a reconhecer unicamente como auctorisada a dar-lhe ordens, a companhia portugueza de Moçambique, allí funcionando sob a protecção da bandeira portugueza.

Forbes respondeu-lhe que não discutisse, que elles eram os mais fortes, e que se considerasse prisioneiro, sob palavra, com a condição de que não enviasse carta sem ser lida por elle, nem fugir, nem aliciar pretos.

Forbes fez concessões de minas e terrenos, como cousa sua, e no dia seguinte foram todos para Macequece, com Rezende e a mulher de Manuel Antonio, a quem os inglezes obrigaram a dar-lhes carregadores.

Chegados ao sitio denominado Andrada, tomaram posse da casa de Paiva d'Andrada, arriaram a bandeira portugueza e banquetearam-se com tudo quanto encontraram.

De barriga cheia, espalharam-se pelo Quiteve, na direcção da costa, occupando a estação de Chimoio, pertencente á companhia de Moçambique, forçando o empregado d'esta a abandonal-a.

Llamby foi conservado prisioneiro até ao dia 22.

Agora vae fazer um relatorio d'estes acontecimentos.

Agronomia

Alguns jornaes tem publicado o seguinte artigo, devido á penna do sr. Pedro Augusto Ferreira, digno continuador do *Portugal Antigo e Moderno*, e a que damos publicidade por o julgarmos de bastante interesse publico:

A cultura do milho é uma das menos rendosas—e uma das mais rendosas é a cultura do vinho.

Plantem-se, pois, videiras nos campos e chãos regadios;—plantem-as em cordão para formarem bardos de arame; plantem-se a ferro e distanciadas, porque as vides muito juntas produzem menos, affrontam-se umas ás outras, definham e morrem.

Que haja pelo menos, a distancia de um metro de vide a vide e a dois metros de bardo a bardo. Plantem-se assim e verão que nos campos e chãos regados da Extremadura e Beira, Minho, Douro e Traz os Montes, o milheiro de vides dará 3 a 4 pipas de vinho por anno, e entre os bardos ainda se póde colher milho, batatas, hortaliça, etc.

Plantem-se vides tambem nos chãos altos e frios, porque a phyloxera os poupa, bem como nos chãos fundos e quentes, mas regadios, e as videiras dão-se bem até 300 a 400 metros de altitude.

Substitua-se, pois, a cultura do milho pela do vinho.

Nos chãos delgados, secos e phyloxerados da Beira, Alto Douro e Traz-os-Montes, Bairrada e Extremadura, plantem-se oliveiras e amendoeiras, enquanto se não reconstituem as vinhas.

Nos chãos mais fragosos, mais secos e mais pobres de humus convém cultivar o sumagre, como se cultivou antigamente em grande parte do Douro e como ainda hoje se cultiva em Fozcôa, pois rende mais que o trigo!...

Nos chãos pantanosos, medonhos viveiros de sezões, plantem-se eucalyptus, pois são uma riqueza florestal, crescem espantosamente, dão magnifica madeira para construcções de toda a ordem e de enxugar os pantanos e de curar e afugentar as febres intermitentes.

Eucalyptus e mais eucalyptus para os pantanos de Pombal e de Soure, do Mondego, de Lourical e do Liz, bem como para todos os chãos sezonaticos, taes são os vales do Zezere, Tejo, Douro e Sado —e muitas povoações da Beira Baixa e Traz-os-Montes, nomeadamente Pinhão, Foz, Tua, Pocinho e Fozcôa, Barca d'Alva e Mirandella, formosa villa transmontana, mas muito sezonatica!...

Cerquem-a litteralmente de eucalyptus e verão como as sezões fogem.

Arvores e mais arvores para todo o nosso paiz, porque a arborização é riqueza, belleza e saude.

Eucalyptus e mais eucalyptus para os terrenos sezonaticos.

Aproveite-se a quadra propria da sementeira e plantação de arvoredo.

Com vista ao sr. Thomaz Ribeiro, ministro das obras publicas, aos nossos empregados florestaes e a todas as camaras municipais.

P. A. Ferreira.

CARTAS

LISBOA

6 de Fevereiro.

Os leitores do Povo de Aveiro conhecem de sobejo os acontecimentos do Porto. Seria superfluo eu demorar-me em minucias sobre os factos que occorrem na segunda cidade do paiz. Não chegou tambem o momento de criticar esses acontecimentos, ou de os explicar com largueza. Limitar-me-hei, por conseguinte, a algumas aclarações principaes so-

bre pontos importantes a que a imprensa de Lisboa se refere.

Assim, por exemplo, ao passo que alguns jornaes monarchicos, os unicos que tem voz depois da imprensa republicana ter sido supprimida, affirmam que o directorio do partido reprovou abertamente a revolta do Porto e que fez todos os esforços para a evitar, outros, com as *Novidades* á frente, orgão dos amigos do sr. José Elias Garcia para tudo quanto visa á intriga e á calumnia do partido republicano, dizem que o pronunciamento de que se trata foi consequencia do ultimo congresso onde os moderados foram vencidos pelos radicaes, pelos revolucionarios, pelos homens de acção.

Ora, restabeleçamos a verdade que, n'esse ponto ao menos, é necessario restabeleçê-la.

Os elementos preponderantes no velho directorio, e esses elementos, claro é, eram os do sr. José Elias Garcia, déram sempre provas da mais completa fraqueza e da mais profunda inepecia. De ha muitos annos que eu venho apontando uma coisa e outra ao partido republicano; demonstrando-lhe quanto essa fraqueza e quanto essa inepecia nos tinham immobilisado para a conquista do nosso ideal e desacreditado no conceito do paiz. Todas as verdades custam a ser admittidas. Esta levou seu tempo tambem a vencer. Ultimamente, porém, o partido convenceu-se d'ella. Então os amigos do sr. José Elias Garcia, suppondo ser astuciosos, redobram de fraqueza para se aguentarem na direcção do partido. E começaram a transigir com tudo e com todos.

E' facil de comprehender o resultado d'esta situação. O directorio deixava correr o marfim, comtanto que o deixassem correr a elle. Uns apregoavam a revolução atravez de tudo e por tudo; outros arvoravam-se em generaes para correr mundo por sua conta e risco; estes estorquiavam concessões ao directorio quando ellas lhe convinham; aquelles declaravam que o directorio não servia para nada quando elle não era tão prompto na submissão como pretendiam; e, em todo o caso, todos o desprezavam e todos o punham de parte, como se despreza e naturalmente se põe de parte todos aquelles que abdicam dos seus direitos até abdicarem da propria dignidade. E eram planos de revolução, cada qual mais tolo e mais estapafurdio! E eram cem cabeças a mandar, cada qual mais insensata e mais disparatada! E era a escuria do partido a vir á superficie para deslustrar a causa republicana!

Uma degradingolade e uma vergonha.

Foi n'esta situação que alguns homens de tino se resolveram a empregar todos os esforços para pôr termo a um tão lamentavel estado de coisas. D'ahi o congresso, que levantou a opposição violenta dos amigos do sr. José Elias Garcia e de todos aquelles que elles alimentavam pela sua inepecia e pela sua fraqueza.

Não houve meio que se não empregasse para evitar a reunião d'esse congresso, como não houve meio que se não empregasse para o desacreditar, reunido elle e vencido o sr. José Elias Garcia, que não poude perder, por si e pela sua gente, que o partido não sancionasse nem admittisse a immobilidade ou o vitalicio dos seus cargos. Sobre este ponto ha multissimo que dizer e nós recommendamos, como melhor, a esses que não cessam de manter a calumnia e a intriga no seio do partido, que se caleem para não termos de o dizer. De contrario, as provas serão esmagadoras para o seu despeito e para a sua insensatez.

Portanto, é certo que no ultimo congresso foram vencidos os moderados pelos radicaes, pelos homens d'acção, pelos revolu-

ricos como dizem as *Novidades*, orgão dos amigos do sr. José Elias Garcia para a calumnia e a intriga entre os republicanos portugueses. Mas não é menos certo que esses radicaes, esses revolucionarios, esses homens d'acção, que não querem loucuras nem levandades mas acções decisivas e fortes, nada tiveram de comum com os acontecimentos do Porto. Não foram elles que apregoaram a inutilidade do congresso por motivos que não é opportuno dizer. Não foram elles que fizeram uma campanha incessante, por todas as lojas e por todos os becos, a favor dos seus deuses, apregoando coisas que não veem para aqui. Não foram elles que disseram e fizeram muitas outras coisas em que não é conveniente falar por agora. Por isso tornámos a recommendar aos intrigantes e calumniadores que vão levar noticias ás *Novidades*, que se caleem para não ouvirem a confissão esmagadora das suas inepecias ou dos seus crimes.

O directorio actual sabia perfeitamente do que se planeava no Porto, como, de resto, o sabia todo o mundo. Mas sempre reprovou aquella insensatez, que outra coisa não era. Empregou todos os esforços para a evitar, já particularmente primeiro e por muito tempo, já publicamente quando viu que os outros recursos eram batdados. Ao mesmo fim visou um artigo publicado nos *Debates* e que tem servido de thema a todas as calumnias dos heroes do Elyseu.

Esse artigo foi publicado depois do sr. José Luciano de Castro ter avisado o governo de tudo que se planeava no Porto e no momento em que o sr. general Searnicchia, já em Lisboa, trazia consigo os primeiros fios da conspiração. Tinha por fim, inutilizando os chefes, ver se a desastrada revolta se continha. Não se conteve. Tanto peor para nós, republicanos, que só nós perdemos com isso. Que o partido aprenda allí a ter juizo, a ter cuidado, a não se deixar arrastar por despeitados e calumniadores, se quiser. Se não quiser, é melhor tratarmos d'outra vida, que a vida politica não é para nós.

Desde que nos fecham as portas da legalidade, desde que nos falsificam os recenseamentos, desde que as burlas das accumulacões se evidenciaram, desde que as chapeladas, os roubos das urnas, o espingardear dos eleitores se tornou o pão quotidiano dos governos, desde que não ha liberdade de reunião, nem d'associação, nem d'imprensa, claro é que as revoluções são o unico caminho que a monarchia nos traçou. Mas revoluções fortes, patrioticas, opportunas, seriamente preparadas e não essa loucura que se viu no Porto. Loucura que não seria menor, nem menos prejudicial, ainda mesmo que chegasse a triumphar na segunda cidade do paiz. Triumpho tão ephemero mas mais desastroso e prejudicial que o primeiro.

Por conseguinte, e em conclusão, se alguém applaudia o que se preparava no Porto não foi nunca o directorio. Esse salvou d'ahi, e ainda bem, a sua cumplicidade e a sua responsabilidade.

De resto, os revoltosos salvaram bem a sua loucura pela valentia e heroicidade de que déram provas.

ainda d'outras séries que se acham em atrazo, esperando do cavalheirismo de todos o seu prompto pagamento.

Pelo Estrangeiro

Lyceu Litterario Portuguez

Um telegramma do Rio de Janeiro diz que o barão do Alto Mearim promoveu n'aquella capital uma subscrição a favor do Lyceu Litterario Portuguez, que attingiu a quantia de 1.000 contos de réis em tres dias.

A execução de Eyraud

Realizou-se no dia 3, em Pariz, a execução de Eyraud, o assassino do official de justiça Gouffé.

Segundo o costume, muito antes da hora a que devia ser executado o criminoso, a praça da Roquette começou a encher-se de curiosos, na maior parte mulheres.

Pelas 2 horas da noite chegaram as forças da guarda civil e da guarda republicana, de infantaria e cavallaria, tomando as patrulhas as entradas de todas as travessas que vão dar á praça, e formando o resto da guarda em linha a circumscrever o espaço dentro do qual ia erguer-se a guilhotina.

Além da linha divisoria formada pela guarda foi mandada erguer, a uns sessenta metros do local destinado ao patibulo, uma barreira de madeira, para que não entrassem no recinto reservado senão os jornalistas e outros, raros, individuos, que iam munidos de bilhetes do commissario de policia.

Pelas 4 horas da manhã, a multidão que, de momento a momento, se tornava mais densa, viu chegar dois *fourgons* acompanhados por quatro homens. Eram estes o carrasco Deibler e os seus ajudantes. Começaram logo a armar a guilhotina.

Pelas 5 horas chegou o trem conduzindo o abade Faure, capellão da Roquette, e d'ahi a pouco chegaram tambem M. Geron, acompanhado do seu secretario, o juiz instructor do processo e um escrivão. Todos entraram no edificio da Roquette.

A madrugada estava fria e humida.

Pelas 6 horas, apagaram-se os candieiros de gaz e ficou toda a multidão mergulhada n'uma indecisa claridade.

No interior da prisão havia um silencio de morte. O réu adormecera á meia noite, ignorando absolutamente o que o esperava, em vista da recusa de perdão por parte do presidente da Republica.

As 6 horas e meia entraram na cellula de Eyraud o governador da prisão, o capellão, o escrivão, os guardas e os ajudantes do carrasco. Eyraud, despertando, ergueu-se sobresaltado, e fez-se horriblemte pallido.

—Vão matar-me!, exclamou.

—Não vos foi concedido o perdão, disse-lhe o governador.

Os olhos de Eyraud tomaram uma expressão feroz. Mas, passados segundos, ficou tranquillo, e começou a vestir-se.

Enquanto lhe cortavam o collarinho da camisa e o atavam, Eyraud esteve fallando com o capellão, a quem pediu com instancia que fizesse para que o seu cadaver não fosse entregue aos medicos, mas sim á sua mulher e á sua filha. O capellão prometeu-lhe que assim se faria.

Terminada a funebre toilette, o cortejo pôz-se em marcha. O capellão ia ao lado de Eyraud, exhortando-o e consolando-o. Logo atraz ia o carrasco.

No momento de pôr o pé sobre o estrado da guilhotina, Eyraud gritou:

—Socorro! Assassinos! Constant é mais culpado do que eu!

A multidão ficara aterrada. Evidentemente o réu perdera a razão. D'ahi a pouco o cutello decepou-lhe a cabeça.

O cadaver foi levado para o cemiterio do Prado, mas a familia pediu auctorisação para o trasladar para o Père-Lachaise.

Caminho de ferro electrico

Inaugurou-se ha pouco na Persia um novo caminho de ferro electrico, entre Sahsenhauser e Ofembach, com o percurso de 6:650 metros.

Apesar de tão grande distancia, maior que as das outras linhas construidas até hoje, e apesar de curvas e rampas muito fortes, a tracção fez-se regularmente.

Na estação central que produz a electricidade ha um motor do vapor de 250 cavallos e 4 dynamos Siemens.

Por enquanto bastam duas machinas electricas para as exigencias do serviço, que é feito das 6 horas da manhã até ás 11 da noite, havendo duas sahidas por hora em cada extremo da linha.

O preço do percurso é de 20 penings.

Os comboyos compõem-se de duas carruagens, podendo conter cada uma trinta viajantes.

A linha tem doze estações e a viagem fez-se em 25 minutos, comprehendendo a demora nas estações, isto é, com uma velocidade de cerca de 15 kilometros por hora.

Contra a tysica

Parece que se descobriu mais um remedio para a cura da tysica.

Em Pariz fez-se com optimos resultados uma experiencia d'elle. Consiste na injección de 15 grammas de sangue de cabra, que é, como todos sabem, um animal refractario á tysica.

O maná do deserto

N'um jornal francez lê-se a seguinte explicação de um sabio a respeito do maná do deserto:

«Algum tempo depois da sua sahida do Egypto, os hebreus tendo chegado ao valle de Sni, viram-se de repente sem ter que comer. Começou então a cahir do céu uma substancia a que elles chamaram maná.

Os exploradores tem encontrado muitas vezes em Argelia e n'outros pontos d'Africa, uma substancia que deve assimillar-se muito ao maná dos hebreus se não é esse proprio maná. No mez de agosto de 1890, cahiu na Turquia da Asia, durante uma chuva abundante, nos arredores de Merders e de Diarb-kir, uma substancia comivel que se parecia com o maná dos hebreus. Esta substancia cobriu o solo sobre um espaço circular de alguns kilometros de circumferencia.

Os habitantes, pouco acostumados a similhante abundancia, apanharam aquella substancia e fabricaram grande quantidade de pão, excellente de gosto e muito facil de digerir. Segundo um exame feito por botanicos, esta substancia nutritiva é formada por um vegetal da familia dos lichens, conhecido pelo nome de *Lecanora esculenta* e constituída por pequenos globulos do tamanho de cabeças de alfinete, amarellos exteriormente e brancos no interior.

Esta variedade de lichen encontra-se na Argelia e nas montanhas da Tartaria, misturada com o solo calcarico, chegando a serem vistas grandes quantidades no deserto dos Kirghirs, ao sul do rio Yaik.

O viajante Perrot, recolheu amostras d'este lichen que, no começo de 1828, cahiu como chuva em diferentes regiões da Persia. O solo achava-se coberto de

AOS SRS. ASSIGNANTES

Prevenimos os srs. assignantes de que vamos começar a fazer a cobrança da série de 25 numeros, que termina com o n.º 475, e



VINHO NUTRITIVO DE CARNE

PRIVILEGIADO, AUCTORISADO PELO GOVERNO E APPROVADO PELA JUNTA CONSULTIVA DE SAUDE PUBLICA DE PORTUGAL...

Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris

É o melhor tónico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais dobeis, para combater as digestões tardias e laboriosas...

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito dobeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar...

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior

EM TRAJOS MENORES

CONTOS FRESCOS ORIGINAES DE PY-THON

Offerecidos ao sexo forte e prohibidos ao sexo fraco. — Illustrados com 12 excellentes gravuras e impressos em excellentepapel, com capa a côres.

2 volumes 600 réis

TITULOS DOS CAPITULOS — Carne branca; Tres torrões de Assucar; As ligas de minha mulher; As mercadoras de amor; — I Angustias; — II Consuelo; O sr. Commendador; Oh da guarda!; O Album photographico; O casamento da Luizinha; — I Um trambulhão; — II Durante o jantar; — III O baile; — Outro trambulhão; — IV Despedidas; — V Uns comemos figos...; Na exposição universal; Maldita melancia!; O ensaio da comedia; O amante de Laura; No banho; A's escuras; Um engano de porta; Chegar, ver e... não vencer; Um professor de allemão; Um cocheiro feliz; Um arrote imprudente.

A obra está completa e só se recebe assignaturas para os 2 volumes de que ella se compõe. — Será enviada franca de porte a quem enviar á Empreza 600 réis.

AS MULHERES DOS AMIGOS OS VICIOS DE LISBOA

Romances do mesmo genero, tambem completos, 2 volumes, 600 réis cada exemplar. Do mesmo modo se enviará franco de porte a quem enviar a respectiva importancia.

EMPREZA NOITES ROMANTICAS, rua da Atalaya, 18, 1.º — Lisboa.

O RECREIO

ALMANACH LITTERARIO E CHARADISTICO PARA 1891

Adornado com o retrato e elogio biographico do distincto escriptor Julio Cesar Machado, por Francisco Antonio de Mattos, e contendo, além do calendario e mais esclarecimentos proprios d'um livro d'esta ordem, uma variada colleção de artigos humoristicos, contos, poesias, composições enigmaticas, etc. — Preço, 200 réis.

A' venda na administração da empreza, rua do Diario de Noticias, 93, e nas principaes lojas do costumes — Lisboa.

DICCIONARIO DE MEDICINA POPULAR

DE D' CHERNOVIZ

2 Volumes em-8º de 1200 paginas

Ornados de 913 figuras

GUILLARD, AILLAUD & C^{IA}

242, Rua Aurea 1º — LISBOA

REMEDIOS DE AYER

Pectoral de cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões — Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer — O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's

É um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. É baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua. Preço de cada frasco, 660 réis.

Os representantes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, n.º 85, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas. Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.

GUEDES D'OLIVEIRA

(TITO LITHO)

GAZETILHAS

PREFACIADAS POR JOÃO CHAGAS

1 volume 400 réis

Cançonetas, com musicas de M. Benjamin, 'Pereira Vianna e Léon Janin. A' venda em todas as livrarias e no deposito: Empreza Litteraria e Typographica, Rua de D. Pedro, 184 — Porto.

A AVÓ A MELHOR PRODUCCÃO DE Émile Richebourg

VERSÃO DE LORJÓ TAVARES

Edição illustrada com chromos e gravuras. Cadernetas semanais de 4 folhas e estampa, 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra: GRANDE VISTA DE LISBOA, em chromo, tirada do Tejo, à vol d'oiseau. Representa com a maior fidelidade a magestosa praça do Commercio em todo o seu conjunto, as ruas Augusta, do Onro e da Prata, a praça de D. Pedro IV, o theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em extensão 72 por 60 centímetros, e é incontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje tem apparecido.

Editores Belem & C.ª, rua do Marechal Saldanha, 26 — Lisboa.

EDIÇÃO PORTATIL DO CODIGO CIVIL

Approvado por carta de lei de 1 de julho de 1857. Conforme a edição official

Preço — br. 240; enc., 360

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio á Livraria Coutinho & Pereira, rua dos Caldeireiros, 18 e 20 — Porto.

LICOR DEPURATIVO VEGETAL

DO MEDICO QUINTELLA

Premiado na exposição industrial do Palacio de Crystal do Porto de 1887 e universal de Paris de 1889 com os diplomas de menção honrosa

ESTE notavel depurativo do sangue, já tão conhecido em todo o paiz, encontra-se em Aveiro, na Drogaria e Pharmacia Central de FRANCISCO DA LUZ & FILHO. Dá-se gratis um folheto, em todos os depositos, onde se prova, pelas experiencias feitas nos hospitaes e recolhimentos particulares, que é infallivel em todas as manifestações rheumaticas, syphiliticas, escrophulosas e de pelle, como tumores, ulceras, dores rheumaticas, osteocapas nevralgicas, blenorragias, canceros syphiliticos, inflammções visceraes de olhos, nariz, ouvidos, garganta, intestinos, etc., e nas doencas determinadas por saturação mercuria.

PILULAS PURGATIVAS VEGETAES DO MEDICO QUINTELLA

Estas magnificas Pilulas são não só destinadas a auxiliar o Licor Depurativo Vegetal, mas constituem tambem um purgante suave e excellente contra as prisões do ventre, affecções hemorroidarias, padecimentos do figado e difficieis digestões, etc. — Caixa de 30 pilulas, 500 réis.

Deposito em Aveiro — Drogaria e Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

Faustino Alves, editor. — Typ. do "Povo de Aveiro,"

A MARSELHEZA

A PORTUGUEZA

EM PORTUGUEZ E EM FRANCEZ

Prço 40 réis. — Para revender grande desconto.

A' venda em todos os kiosques de Lisboa e Porto. Pedidos a Julio Flavio, rua de S. Lazaro, 90 — Lisboa.

BIBLIOTHECA DOS DRAMAS DE FAMILIA

MYSTERIOS DA LOUCURA

GRANDE ROMANCE DE SENSAÇÃO

Original portuguez por Ladislau Batalha

A obra com que vamos encetar a série de romances da Bibliotheca dos Dramas de Familia formará 4 lindos volumes em 8.º francez, enriquecidos de excellentes e-stampas.

As capas da brochura, em phantasia e chromo-litographadas a côres, serão distribuidas gratuitamente a todos os srs. assignantes.

Cou as 32 paginas de leitura que todas as semanas serão publicadas, distribuir-se-ha tambem uma capa de fasciculo contendo numerosos annuncios de utilidade geral, e interesse particular das familias, tudo sem acrescimo de preço.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Distribuem-se cada semana 32 paginas de leitura, ou 24 e uma gravura, pela quantia de 40 réis pagos no acto da entrega. As remessas para a provincia serão feitas ás cadernetas de cinco fasciculos ou 160 paginas, e só accresce o porte do correio. — A quem se responsabilisar por 8 assignaturas, damos uma gratuita ou 20 por cento.

Assigna-se no escriptorio da empreza, rua Saraiva de Carvalho, 47, Lisboa.

EMULSÃO DE SCOTT

De Oleo Puro de FIGADO DE BAGALHAO COM

Hypophosphitos de Cal e Soda.

É tão agradável ao paladar como o leite.

Possue todas as virtudes do Oleo Simple de Figado de Bacalhao e tambem as dos Hypophosphitos.

- Cura a Phthisis; Cura a Anemia; Cura a Debilidade em Geral; Cura a Escrofula; Cura a Rheumatismo; Cura a Tosse e Sezões; Cura o Rachitismo das Creanças.

É recetada pelos medicos, é de cheiro e sabor agradável, de facil digestão, e a supportam os estomagos mais delicados.

LA GUAIRA, VENEZUELA, 31 Jan., 1884

Srs. SCOTT & BOWNE, NEW YORK. Dedicado ao estudo e tratamento das enfermidades da infancia tenho tido oportunidade nos doze annos de minha pratica para empregar as preparações das quaes o oleo de figado de bacalhao é a base principal, e poucas vezes tenho obtido tão bons resultados como com a Emulsão de Scott. Por exto tão brilhante felicitto a Vs. Srs. e tambem a sciencia que tem hoje nesta Emulsão um agente poderoso para batalhar contra o rachitismo nas creanças debilitadas em geral, e escrofula, enfermidades tão frequentes neste paiz.

DR. FRANCISCO DE ASSIS MEJIA, Medico de Saude do porto.

SANTIAGO DE CUBA, 2 de Abril, 1884

Srs. SCOTT & BOWNE, Nova York. Minhas congratulações de terem sabido reunir neste oleo as vantagens de ser inodoro, agradável ao paladar, e de muita conservação. Os seus resultados therapeuticos, particularmente nas creanças, são maravilhosos.

Com este motivo tenho muito prazer de publical-o. Sou de Vs. Srs. S. Q. H. S. M., DR. AMERSONO GRILLO.

A' venda nas boticas e drogarias.